



Charnequeira

Carlos S.C. Rebello de Andrade

Espécie: Caprinos

Classificação Oficial: Autóctone

Risco de extinção: Ameaçada

Nome: Charnequeira

OVIBEIRA – Associação de Criadores de Ovinos do Sul da Beira



Rua José Cifuentes nº. 11 D/E
6000-244 Castelo Branco
Telef. 272 347 564 / 272 344515/6
Fax: 272 344 586
E-mail: ovibeira@mail.telepac.pt

Censos: 2019

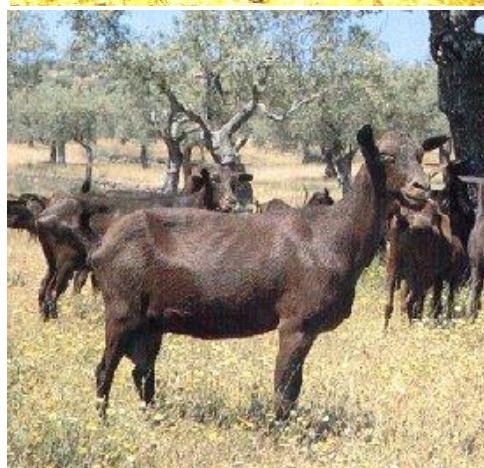
Nº: Fêmeas: 2175

Nº: Machos: 208

Nº: Explorações: 43

Secretário Técnico:

Dr. Pedro Cardoso



1

ORIGEM E HISTÓRIA

Parece que esta raça procede da Cabra *Aegagrus*, tendo mais tarde recebido influência do tronco Pirenaico. Porém, há opiniões que dizem ser a Charnequeira descendente da Cabra *Falconeri* ou da sua representante na Europa – a cabra palustre de Reitimagri ou *Capra hircus sterspicerus* ou Céltica de August (13).





DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Como consequência das diferenças do meio em que vivem, consideram-se dois ecótipos – Alentejana / Machuna e Beiroa: respetivamente, um que é explorado no Baixo Alentejo, Concelhos de Santiago do Cacém, Sines e Odemira, e o outro, no Alto Alentejo, Nisa e Castelo de Vide, e na Beira Baixa, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Penamacor e Vila Velha de Rodão (13).



2

PADRÃO DA RAÇA

A raça Charnequeira que deve o seu nome à zona onde é explorada – a charneca -, agrupa animais de perfil rectilíneo ou subcôncavo, eumétricos e sub-hiper-métricos (13). São explorados na dupla aptidão leite-carne.

O protótipo racial, que consta do Regulamento do Registo Zootécnico da raça, é o seguinte:

Pelagem: Uniforme, de côr vermelha com tons que vão desde o claro (trigueiro) até ao retinto (côr de mogno). Pele forte e elástica, pêlo curto, liso e, por vezes, brilhante nas fêmeas, sendo mais grosso e hirsuto nos machos, sobretudo no dorso e lombo.

Cabeça: Média, de perfil rectilíneo ou subcôncavo, de frente convexa, seguida de pequena depressão, e chanfro rectilíneo; olhos vivos e acastanhados; orelhas pouco destacadas, direitas e de comprimento médio; inerme ou com cornos, grandes, largos e juntos na base, dirigidos para cima, ligeiramente inclinados para trás, divergentes e retorcidos nas pontas ou nitidamente espiralados, em saca-rolhas, rugosos e de secção triangular; barbicha frequente nos bodes e rara nas fêmeas.

Pescoço: Comprido e estreito, quase sempre com brincos.

Tronco: Amplo, com peito estreito e profundo; cruz pouco destacada; linha dorso-lombar quase direita, ligeiramente descaída para a frente; garupa descaída; cauda curta, horizontal e arrebitada na ponta; abdómen bem desenvolvido.

Úbere: Ensacado e pendente ou globoso, de regular desenvolvimento, tetos destacados e de tamanho médio.

Membros: Fortes, curtos, com aprumos regulares e unhas resistentes.





Quadro 1 – Mensurações da raça Charnequeira – beiroa (cm) (4)

Mensurações (média ± DP)	Fêmeas	Machos
Altura Peito	34,3±1,99	41,0±2,00
Altura Garupa	66,1±1,82	76,5±1,50
Larg. Garupa (coxo-femural)	16,3±0,84	19,5±0,50
Largura Garupa (ilion)	15,8±1,00	17,0±1,00
Altura do garrote	67,3±2,45	78,5±4,50
Altura do dorso	65,3±2,02	76,0±2,00
Comprimento tronco	70,5±2,55	85,0±4,00
Perímetro torácico	84,6±4,08	97,0±0,00
Altura tronco	30,9±1,40	34,5±2,25
Comprimento cabeça	21,4±0,98	24,0±1,00
Altura cabeça	14,8±1,07	15,5±0,50
Largura cabeça	12,0±0,89	14,5±0,50
Comprimento chanfro	13,9±1,48	16,0±0,00

3



Figura 1. Bode com avental

SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

São exploradas em sistema extensivo, com dimensão das cabradas entre 100 a 150 animais, e uma alimentação à base de pasto espontâneo, restolhos e diversas espécies arbustivas ou arbustos (5).

No norte da área de dispersão encontram-se cabradas de menor dimensão – 10 a 50 animais. São explorados no sistema de um parto/ano com partos em Outubro/Novembro e Janeiro/Fevereiro. As crias ficam encerradas no capril e são amamentadas duas vezes ao dia. Normalmente são vendidas até aos 45 dias de idade no ecotipo “Beiroa” e aos 3 a 6 meses no ecotipo “Alentejana” (13).





O ecotipo “Beiroa” é explorado para leite. Em geral o leite de cabra é misturado com o de ovelha obtendo-se o queijo à “Cabreira” de Castelo Branco (amarelo ou picante consoante o processo de cura).

As condições de exploração dos animais condicionam o seu desenvolvimento tendo o ecotipo “Beiroa”, com peso adulto para as fêmeas de 50Kg e para os machos de 78Kg, animais mais encorpados. Condiciona também todo o seu ciclo produtivo que é influenciado pela evolução do seu peso vivo ao longo do ano. Este está intimamente correlacionado com os períodos de maior exigência do animal e às disponibilidades alimentares naturais, caso não se procedam às suplementações correctas em épocas de carência alimentar.

CARACTERÍSTICAS REPRODUTIVAS E PRODUTIVAS

Taxas reprodutivas

As fêmeas são poliéstricas permanentes podendo apresentar períodos de anestro mais ou menos marcados de Março a Julho. Em função do maneio tradicional dos animais verificam-se duas épocas de cobrição - Primavera (Abril/Maio) e Outono (Setembro/Outubro).

Quadro 2 – Índices Reprodutivos Anuais (4)

PARÂMETROS	(%)
Fertilidade Aparente	95,4
Prolificidade	147,6
Fecundidade	141,0
Abortos	0,0
Esterilidade	4,5
Produtividade Numérica	122,9
Mortalidade Adultos	10,4
Mortalidade Cabritos	4,8
Duração da Gestação média (Dias)	150,6
Concentração Partos media (Dias)	16,5

Em sistemas de exploração com prados semeados e/ou regadio a prolificidade pode aumentar para 160%, a produtividade numérica para 141% e haver uma redução drástica na mortalidade dos adultos para 2%.

A idade à puberdade varia segundo a época de nascimento, pois está sujeita à acção inibidora ou estimulante do fotoperíodo.

O peso médio à primeira cobrição das chibas nascidas no Outono foi de 26 Kg, e nas chibas nascidas na Primavera foi de 24.5 Kg. Se se considerar o peso médio das fêmeas adultas de 49.4 Kg obtido nas mensurações, a primeira cobrição verifica-se quando as chibas apresentam aproximadamente 51% do peso adulto.





PRODUÇÃO DE BORREGOS

Pesos e Ganhos Médios Diários

Os quadros que se apresentam a seguir dão-nos uma ideia da velocidade de crescimento e eficiência alimentar passíveis de variar quando se intervém nas quantidades e natureza dos alimentos disponíveis, nomeadamente quando se condiciona a alimentação dos cabritos dando-lhes a possibilidade de mamarem só duas vezes ao dia.

Quadro 3 – Pesos ao Nascimento (kg) (4).

		Outono	Primavera
Machos	simples	3,20	2,96
	duplos	2,53	2,66
Fêmeas	simples	2,84	2,81
	duplos	2,44	2,78
Total	duplos	5,02	5,34

Quadro 4 – Pesos aos 10, 30 e 70 dias de idade (kg) (4).

		Outono			Primavera		
DIAS		10	30	70	10	30	70
Machos	simples	4,53	7,20	11,60	3,97	5,84	----
	duplos	3,31	4,90	8,01	3,20	4,95	9,30
Fêmeas	simples	3,86	6,01	9,94	3,80	5,68	10,30
	duplos	3,86	5,10	8,03	3,53	5,16	9,59
Total	duplos	----	9,90	15,96	----	10,11	----



Figura 2. Cabritos





Quadro 5 – Ganhos Médios Diários (kg) (4).

DIAS		Outono		Primavera	
		10-30	30-70	10-30	30-70
Machos	simples	0,133	0,109	0,094	----
	duplos	0,079	0,077	0,088	0,095
Fêmeas	simples	0,108	0,099	0,094	0,101
	duplos	0,085	0,073	0,081	0,094
Total	duplos	0,094	0,085	0,094	0,085

6

CARATERIZAÇÃO DAS CARÇAÇAS

A produção de carne obtém-se, sobretudo, a partir do cabrito que é comercializado antes de atingir os 7Kg de carcaça.

A carcaça é o principal produto comercializável de um animal. São as características quantitativas e qualitativas que determinam o seu valor comercial em função da procura no mercado. Estas características são o resultado de um processo biológico que tem lugar num animal de um genótipo determinado e submetido a um sistema de produção definido.

Quadro 6 - Valores do rendimento corrigido de carcaças, índice de compacidade e relação músculo/osso obtidos em cabritos.

	Idade Abate (dias)	Peso Vivo (Kg)	Rend.Corrig. Carcaça (%)	Índice Compacidade	Músculo /Osso	Autor
Machos	81	10,15	52,8	9,51	2,27	(4)
Machos	159	15,75	50,7	7,58	2,75	
Fêmeas	97	9,30	52,0	11,78	2,13	(12)
Machos	----	10,00	52,0	9,90	2,17	(8)
Machos	----	15,00	51,8	7,60	2,37	(8)

A conformação da carcaça tem menor importância nos caprinos do que nos bovinos ou ovinos, pois é desmanchada com muito menos frequência.





PRODUÇÃO DE LEITE

O pico de lactação dá-se cerca dos dois meses podendo apresentar outros picos de produção de valor mais baixo (alavão), pois a cabra responde muito bem em termos produtivos face a uma melhoria das condições de alimentação.

7



Figura 3. Ordenha

O teor proteico e de gordura é variável ao longo da lactação mas situam-se predominantemente entre os 4 e 7%.

Quadro 7 – Produção leiteira normalizada dos 0-210 Dias (L) (4).

Nº. Lactação	0-210
1	99,0
2	153,3
3	158,1
4	148,6
Total	136,3





Em cabradas com área de regadio e prados semeados os animais, de 3^a. Lactação, atingem os 300 litros e têm uma média de cabrada acima dos 200 litros para a produção total de leite.

De qualquer modo a variabilidade dos dados é elevada o que pressupõe uma resposta rápida no aumento da produção média como reflexo de uma selecção com base nos registos do Livro Genealógico depois de devidamente analisados.



Figura 4. Úbere

DESENVOLVIMENTO E PERSPETIVAS FUTURAS

Face ao grande incremento na produção de leite de ovelha e à grande concorrência dos produtos derivados há uma crescente procura de leite de cabra, pela facilidade de escoamento dos queijos tradicionais, que não tem sido acompanhada pela oferta. Além disso, a possibilidade de ser consumido quer em natureza quer transformado em diversos produtos, catalogados como dietéticos, dá-lhe acesso a um mercado mais variado e abrangente que o de leite de ovelha.

Aliás, começam a aparecer no mercado produtos, vindos do “estrangeiro” onde já são elaborados há anos, sinal a ser tomado em linha de conta pelos produtores.

Em termos de produtos de qualidade o leite de cabra pode ser usado no fabrico do Queijo à “Cabreira” de Castelo Branco (Amarelo e Picante). Estes queijos têm Denominação de Origem Protegida por Despacho 4/94, DR. II Série, 26/01 – Reg. CE 1107/96, JOUE n.º. L 148 de 12/06 (3).

Para a carne temos o “Cabrito da Beira” como produto de Indicação Geográfica de Protegida (IGP) indexado a cabritos das raças Charnequeira e Serrana abatidos entre os 40 e 45 dias. Desp.º. 58/94 – DR II Série de 15/02/94, Reg. CE 1107/96, JOUE n.º. L 148 de 12/06 – Desp.º. 2314/99, DR II Série de 09/02/99.





PRODUTOS DE INTERESSE

- Queijo Amarelo – DOP
- Queijo Picante - DOP
- Cabrito da Beira – IGP

AGRUPAMENTOS DE PRODUTORES

Cooperativa de Produtores de Queijo da Beira Baixa/Idanha - a - Nova, C. R. L.

Zona Industrial, Lt. 5

Murteiras Redondas

6060-182 IDANHA-A-NOVA

Telefone: 277 200 230 Fax: 277 200 239

SITES SOBRE A RAÇA

- <http://www.ovinosecaprinos.com>
- <http://autoctones.ruralbit.com/?pais=pt>
- <http://www.sprega.com.pt>

BIBLIOGRAFIA

(1) CALHEIROS, F.C., (1976). Caprinos - Situação e perspectiva. DGSV. Fonte Boa- Santarém.

(2) CARDIGOS, L.R., (1981). Caracterização Étnica das Populações Caprinas Nacionais e Sistemas de Maneio. In 14 Jornadas Nacionais de Caprinicultura. DGSV. Santarém.

(3) D.G.D.R., 1999. Guia dos Produto de Qualidade. Lisboa.

(4) DIAS LOPES, P.M.; REBELLO DE ANDRADE, C.S.C., (1989). Parâmetros Reprodutivos e Produtivos de uma Cabrada da Raça Charnequeira. 1º. Congresso de Zootecnia, 2º. Encontro dos Engenheiros Zootécnicos Portugueses. APEZ, 9-11 Novembro, Vila Real.

(5) DUQUE FONSECA, A., (1988). Levantamento da Caprinicultura em Portugal. II Jornadas de Caprinicultura. Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia (SPO). 7,8 e 9 de Abril, Castelo Branco.

(6) LIZARDO, R.R.G.; ROQUETE, C; DUQUE FONSECA, A., (1988). Alguns Parâmetros Leiteiros das Raças Serpentina e Charnequeira na Charneca do Ribatejo. II Jornadas de





Caprinicultura. Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia (SPO). 7,8 e 9 de Abril, Castelo Branco.

(7) LIZARDO, R.R.G.; ROQUETE, C; DUQUE FONSECA, A., (1988a). Aporte ao Conhecimento das Performances Reprodutivas e Crescimento das Raças Serpentina e Charnequeira na Charneca do Ribatejo. II Jornadas de Caprinicultura. Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia (SPO). 7,8 e 9 de Abril, Castelo Branco.

(8) LIZARDO, R.R.G.; SIMÕES, A.; DUQUE FONSECA, A, (1988). Algumas Considerações sobre Carcaças de Cabritos das Raças Serpentina e Charnequeira. II Jornadas de Caprinicultura. Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia (SPO). 7,8 e 9 de Abril, Castelo Branco.

(9) NABAIS DOMINGOS, A., (1980). História da caprinicultura em Portugal. DGSV. Lisboa.

(10) REBELLO DE ANDRADE, C.S.C.; CASQUEIRO, M.C., (1996). A Cabra da Raça Charnequeira: contribuição para a caracterização morfológica do úbere. ESACB, Castelo Branco. (não publicado)

(11) S. SILVA, A., (1986). Acompanhamento contínuo de um efectivo caprino e outro ovino. Avaliação de alguns dos seus parâmetros reprodutivos e produtivos. Trabalho de fim de curso de Engenharia Zootécnica - Évora. (não publicado)

(12) SILVEIRA, J.M.L.N., (1986). Primeira análise de alguns parâmetros reprodutivos e produtivos de um efectivo caprino das raças Raiana, Serpentina e Charnequeira, contemporâneo no sistema extensivo tradicional. Trabalho de fim de curso de Engenharia Zootécnica (não publicado).

(13) SOBRAL, M.; ANTERO, C.; BORREGO, J.D.; NABAIS DOMINGOS, A., (1987). Recursos Genéticos: raças autóctones - espécies ovina e caprina. Direcção Geral da Pecuária. Lisboa.

